notas de leitura

THE IMPROVEMENT OF HUMANITY

EDUCATION AND THE FRENCH REVOLUTION

by R. R. PALMER

A EDUCAÇÃO TRICOLOR

D. Julia
Les trois couleurs du tableau noir
La Révolution

EDITIONS BELIN

JOÃO LUÍS LISBOA *

R.R. Palmer, The Improvement of Humanity Education and the French Revolution, Princeton University Press, 1985,347pp.

D. Julia, Les trois couleurs du tableau noir. La Révolution, Paris, Belin, 1981, 394pp.

O bicentenário da tomada da Bastilha possibilitou novas oportunidades (nos escaparates e páginas das revistas) para vários trabalhos já anteriormente publicados sobre o período revolucionário francês. Entre esses, contam-se os dois livros de que agora damos conta, e que são o resultado de investigações mais vastas sobre o mundo da educação. Se outros pontos de convergência não houvesse, junta-os um tema: a Revolução Francesa face aos problemas da educação.

Durante muitos anos, Robert Roswell Palmer dedicou-se à história política. Para trás ficara um já longínquo Catholics and Unbelievers in 18th Century France (Princeton 1939). Sentiu-se entretanto atraído pelo aprofundamento de problemas de história da educação. No princípio dos anos setenta, debruçou-se sobre um objecto bem definido, o Colégio de Louis-Grand, além de ter escrito alguns pequenos ensaios. Passados dez anos, retoma muitos dos elementos então estudados e apresenta uma visão geral sobre a forma como se concebeu e estruturou a educação desde as vésperas de 1789 até ao Império. Porém, para além da época e do espaço estudados (a França do século XVIII), mantém-se um fio condutor de toda a obra de Palmer: a perspectiva da história política. Interessa-lhe o sistema de ensino e as concepções e projectos educativos como partes fundamentais de um programa de regeneração social e polílita, e como elementos xonstituintes de uma ideia de progresso que sobressai no próprio título do livro.

O autor não assume nem ironiza a ideia de progresso. Identifica-a como

* Docente da U.N.L

notas de leitura

ideia emergente dos vários planos, projectos, aspirações que em torno da educação se construiram na segunda metade do século XVIII Ou seja, a possível identidade na multiplicidade do discurso setecentista estaria na fé nas capacidades da educação para resolver os problemas da humanidade

Na base das questões levantadas estão debates mais concretos, nomeadamente sobre o papel do sistema de ensino na unificação de uma espaço cultural e político, o espaço da nação (de que são instrumentos privilegiados sobre todas as diversidades uma língua e uma história), sobre a natureza igualitária dos projectos educativos e sobre a construção de novas instituições (conduzindo assim à escola napoleónica)

Os quatro conceitos sobre os quais se organiza o texto são nacionalização, politização democratização e modernização conceitos talvez mal definidos já que se interpenetram no estudo, representando, não tanto problemas diferentes, mas tempos e objectos diversos. Do mesmo modo que a ideia genérica de "melhoria ou de progresso, aquelas reflectiriam parcelarmente as aspirações principais talvez as quimeras, de um conjunto de documentos de intervenientes, de uma época E o que Palmer pretende analisar são os resultados, as realizações, embora muitas perguntas não possam ficar satisfatoriamente respondidas Não é clara, por exemplo, a relação entre os projectos e as iniciativas orçamentais que lhes deveriam estar associadas, como não é clara a evolução do número de escolarizados e de alfabetizados (apesar de referências breves). Daqui resulta que Palmer, ainda que reconheça que a ideia de melhoria manifestamente tem uma carga social muito determinada, se mostra insatisfeito com a distância entre os projectos e as realizações.

Para chegar a estas questões, Palmer recorre a projectos e posições várias sobre as necessárias ou possíveis reformas da educação (onde Helvécio, Mably, Rousseau, Malesherbes, Condorcet e Talleyrand, se juntam a dezenas de nomes hoje esquecidos), confronta relatórios e discursos da Assembleia Nacional, examina actas do Comité de Instrução Pública da Convenção e orçamentos governamentais

Quanto aos estudos em que se apoia, Palmer mostra interesses diversificados Acompanha a produção historiográfica desde meados do século passado, produção onde encontra muita da informação que analisa O aparato erudito do seu trabalho evidente a sua relação com autores como Aulard, tanto a nível metodológico como nas suas preocupações centrais a relação entre a escola e a república

Por outro lado, há toda uma produção recente que Palmer conhece e a que reconhece um papel determinante na sua própria problematização No caso da história da ciência é devedor sobretudo de autores americanos como Roger Hahn Mas no que se refere especificamente à educação é decisiva a leitura dos vários trabalhos em que Dominique Julia perticipou e de que o mais utilizado (publicado em 1976 em colaboração com Roger Chartier e Marie-Madeleine Compère) foi L éducation en France du 16e au 18e siècle. A razão pata destacar Julia neste conjunto de referências é evidente Muito mais novo do que Palmer, Julia é o investigador mais autorizado no que diz respeito à história da educação na França setecentista. Isso mesmo foi reconhecido no 7º Congresso Internacional sobre as Luzes (1987) onde Julia e Chartier apresentaram a comunicação introdutória sobre o tema mas isso também é manifesto na prolífera produção em que Julia é pivot tendo trabalhado com Michel de Certeau, Jacques Revel, Willem Frijhoff P Pressly, entre outros

Les trois couleurs du tableau noir é um trabalho a que Palmer ainda recorre e onde Julia aborda alguns temas

notas de leitura

e muitos testemunhos que lhes são comuns. Julia elege um conjunto de problemas que conduzirão a leitura de dezenas de tomadas de posição, projectos e discursos, com especial incidência no período imediatamente posterior a 1789. O seu inquérito começa, no entanto, algumas décadas antes (significativamente, a primeira referência cronológica é a da expulsão dos jesuítas de Portugal). As zonas de convergência entre os dois trabalhos são, pois, claras.

Entre os problemas levantados destaca-se a concepção do ensino como um poder, concepção que não está desligada do facto de se lhe atribuir um sentido social e político. Julia pretende apurar, para vários autores, o poder do "esclarecimento". Esse poder não é alheio às responsabilidades políticas que se lhe associam, logo, ao papel que ao estado é atribuído no enfrentar das questões da educação. Para além de um reconhecimento geral do que lhe compete, apontam-se as diferenças de tratamento, as prioridades e as lacunas (e o ensino primário é durante longos anos um dos enteados do sistema) na acção prevista ou proposta.

Um dos aspectos a que a acção política teria de dar resposta era o da formação de formadores. A este respeito, para Portugal, contribuições importantes encontram-se no trabalho de António Nóvos, La professionnalisation des professeur au Portugal: les maitres royaux de lecture et d'écriture aux professeurs d'instruction primaire (18e-19e siècle), (tese de doutoramento, Genève, 1986). A formação de um novo corpo docente tornara-se urgente por várias razões, umas de ordem prática (a necessidade de substituir um sistema que assentava em instituições antigas e que tinham deixado aberto um grande vazio, como acontecera em Portugal em 1759 com os estudos menores), outras de ordem da própria concepção do sistema. Procurava-se desenhar um perfil para o educador, perfil que compreendesse a laicização do corpo docente, dos objectivos do ensino e das suas matérias.

Esta última questão tem estado entre as mais estudadas, inclusivamente em Portugal, com Verney, Ribeiro Sanches e a reforma pombalina da Universidade. Em França são conhecidas as discussões sobre o ensino das línguas (nomeadamente as virtudes do latim), e das ciências nos vários graus e nos vários tipos de instituição, desde a escola primária às novas escolas de engenheiros, importantíssimas pelas suas implicações militares.

Menos comum é a tentativa de saber a quem se destinava o sistema. Claramente menos desenvolvida, esta questão desdobra-se em três: a da "geometria" do sistema (as aspas são nossas), a da educção feminina e da formação permanente.

O que é que Julia entende por "geometria" do sistema de ensino? Trata-se de um problema de concepção de um espaço, mais do que de concretização. O sistema seria geométrico na medida em que se articulasse racionalmente num espaço homogéneo (área nacional, número de habitantes, docentes e alunos). Resulta assim que estamos a falar mais de uma geografia do que de uma geometria, e a principal razão reside no desequilíbrio provocado pela expansão urbana do sistema. A aspiração social da igualdade, traduzida numa expressão racionalidade, não tinha correspondência na realidade.

Mas se para todos os "Emílios" se preconizavam soluções pedagógicas igualitárias (visto que igual seria a natureza humana e a sua capacidade racional, já as "Sofias" tinham um lugar completamente à parte. A educação faminina devendo corresponder ao cumprimento de certas funções sociais específicas (casamento, maternidade, gestão doméstica) teria de ser também específica. Para mais, ainda que à mulher se reconheça um estatuto de igualdade como passoa humana, o "eterno feminino"

notas de leitura

pressupõe capacidades diferentes (inaptidão criativa, por exemplo, nas artes ou nas ciências). Daí que pareça um anacronismo Julia perguntar se "as luzes serão feministas". Há, contudo, entre os testemunhos, sinais de uma outra igualdade emergente da concepção da mulhar como força de trabalho. Uma questão que Palmer aflora brevemente quando dá conta de opiniões sobre o que deve ser a educação feminina.

Mais inovadora é a concepção de formação de adultos. Entendida tanto como combate à superstição como adequação o mais perfeita possível de cada um à natureza e à sociedade, a formação permanente não é apenas um voto piedoso dos revolucionários. Juli apresenta-nos a base da concepção deste programa como estando assente numa relação pedagógica tradicional, onde a palavra do professor, o livro e o jornal são os principais veículos. O que foi novo foi a vontade de pensar a sociedade considera na sua globalidade como um trabalho pedagógico ininterrupto. A transformação do calendário desempenha, com a toponímia e as festas revolucionárias, um papel análogo ao da leitura. Seria simplificar entender como mera propaganda estas várias manifestações do novo quotidiano, porque seria fecharmo-nos ao seu entendimento de razão, e de relação entre razão e estímulos exteriores.

Do que se extrai da leitura destes dois livros quase complementares resulta, no essencial, uma forte ideia de continuidade que não elimina os efeitos da revolução. Ou seja, tanto a nível da concepção como nas tentativas de reforma, a Revolução francesa não é substancialmente original. A secularização e a centralização do poder levadas a cabo pelos estados absolutistas haviam começado as grandes transformações do ensino. O que não significa que as rupturas políticas e mentais do após 89 não tenham aberto portas novas. E o que há de profundamente novo é o ambiente que gera a discussão sobre o ensino com uma amplitude sem precedentes.

Mas a ideia de continuidade é ainda reforçada por outras ligações. Tanto em Palmer como em Julia transparece a preocupação de mostrar a actualidade de muitas das aspirações que emergiram com a Revolução francesa. No fundo a ineficácia da Convencão ou do Directório seria ainda problema nosso na medida em que continuamos a definir como ambições do sistema de ensino muitas propostas com mais de cem anos. Será uma prova da actualidade da Revolução francesa ou será a impossibilidade de vermos o que quer que seja senão pelos nossos olhos? Como a própria ideia de "melhoria"?